

Senhora Secretária de Estado

Senhor Director da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação

Senhora Directora Geral da Educação Básica

Senhor Prof. António Nóvoa, abelha mestra de várias actividades que pelo país têm acontecido no domínio da educação nos últimos meses e cuja persistência relativamente à imagem e ao reconhecimento neste país da obra e significado de Paulo Freire no mundo não deixam dúvida a ninguém.

Meus caros amigos.

Saudade e reconhecimento

Ao tomar a palavra nesta sessão, devo dizer que o faço invadida por uma grande saudade e por um profundo reconhecimento. Saudade de Paulo Freire, ilimitada.

Tão despretenhoso, tão fora dos rituais dos homens que, quer no mundo académico, quer no mundo político, precisam de parafernálias para serem importantes. Ele a primeira coisa que nos dizia era: “dêem-me um copo de leite; lá na Suíça não se consegue comer nada de jeito.”

Esse brasileiro que diz - uma coisa que tenho pena de não termos discutido suficientemente - que as nossas sintaxes são tão diferentes, que diferentes são as nossas estruturas de pensar. Que diz que se cansava de ouvir os portugueses, mas os portugueses não se cansavam de ouvi-lo a ele!

Pelo contrário, para mim Paulo Freire é um exemplo vivíssimo do que caracteriza os brasileiros. Talvez, de facto, ele tenha razão. Em oposição aquilo que em nós, os portugueses, o cansava, o que caracteriza os brasileiros na sua totalidade e de modo particular (se eu posso falar dessa categoria) os intelectuais, é um pensamento tão empenhado, tão vivido com a voz, com a imaginação, com os gestos, com os sentimentos, que parece que em cada momento as palavras acabam de nascer, como se tivéssemos um dicionário novo para entender a vida. Ao mesmo tempo, impulsos tão fortes, sensações tão transbordantes que, magicamente, se

convertem em ideias e em pensamentos que se tornam contagiosos e apaixonantes.

Ao ouvir Paulo Freire falar nos Estados Unidos, numa altura em que o seu Inglês era titubeante, perguntava-me como é que aquela assistência toda, através da tradução, estava reagindo de maneira tão intensa. Uma maneira de adesão total, de grande entusiasmo, não se devia apenas à ingenuidade do povo americano, mas sobretudo à capacidade de Paulo Freire de tornar pensamento aquilo que exprimia com uma enorme intensidade da sua própria vivência. Isso sim, talvez seja qualquer coisa que a nós, portugueses, não temos e que temos ainda de aprender com Paulo Freire. 15

Só quero deixar ainda um apontamento sobre esse amigo. Quando, em 1961, a Teresa Santa Clara Gomes e eu acompanhadas de Maria do Loreto Paiva Couceiro (que amanhã vai intervir) o fomos visitar ao Conselho Mundial das Igrejas, a primeira coisa que disse foi "têm diante de vocês um homem estatisticamente morto". De facto, naquela altura - ele tinha exactamente 50 anos - a esperança de vida dos brasileiros não excedia 50 anos. E foi com esse homem, "estatisticamente morto", que começou uma relação, de uma vitalidade, de uma intensidade que é difícil descrever. 16

Fundação Cuidar o Futuro

É certo que devo ao Movimento do Graal, a que pertença, o conhecimento do Paulo Freire, porque foram as nossas amigas americanas que, quando Paulo Freire ensinava em Harvard (e, sobretudo, uma delas que não era americana, que era sul-africana, mas a quem tinham sido retirados os direitos cívicos e portanto tinha tido necessariamente de se exilar, estava nessa altura também em Boston, Anne Hope) nos fizeram conhecer Paulo Freire. Começámos no Movimento do Graal, que é internacional, a trabalhar com Paulo Freire em vários continentes: em África, onde se fez um trabalho muito interessante, na Índia, no próprio Brasil, nos Estados Unidos, no Canadá e, naturalmente, aqui em Portugal. Mas não vou falar disso. Falarão melhor do que eu amanhã, duas companheiras minhas do Movimento do Graal.

H do EUA



Um pensamento-síntese



Saudade de Paulo Freire, dessa força que se quer contagiosa, mas também um profundo reconhecimento. Nos anos 60, havia, para mim e para alguma geração como eu, vários "maîtres à penser". Quando ouço dizer que em Portugal, antes do 25 de Abril, era uma ignorância total, uma ausência do que se passava no mundo, pergunto: então vivíamos numa ilha? onde é que isso fica? Realmente, não me reconheço nessa ignorância. Não reconheço esse isolamento para aqueles que realmente queriam saber, queriam encontrar o pensamento de uma forma nova. O meu universo, o universo das pessoas que privavam comigo, em particular no Movimento do Graal, era um universo superpovoado: esses "maîtres à penser" conversavam entre si: os seus pensamentos, as suas teorias circulavam de uns para os outros. /a

É claro, alguns eram-me próprios no contexto da minha formação: vinham das ciências ditas exactas e chamavam-se Einstein (à procura duma equação única para o mundo inteiro), Schrödinger (o sujeito vincula-se no objecto e não há, por isso, nenhuma observação completamente objectiva), Niels Bohr (no seu trabalho sobre a estrutura do átomo), Max Planck (a radical transformação da mecânica quântica e, com um entendimento totalmente diferente daquele que existia entre nós/ tudo significava, do ponto de vista da sua tradução intelectual e espiritual, uma matéria a viver em constante movimento, em saltos quânticos permanentes). Hei /b

Mas as ciências humanas vinham de Edgar Morin, Alain Touraine, Martin Buber, Ivan Illich, todos igualmente alternativos. Que não tinham onde se situar de modo exacto, uma vez que "o jornal da Califórnia" de Edgar Morin rompeu radicalmente a sua filiação numa das ideologias dominantes dos anos 50. /ra

Mas o Cristianismo, onde me encontrava também com Paulo Freire, vivera o Concílio Vaticano II, que foi um marco na vida de toda a comunidade cristã. Um marco que a Igreja em geral tem esquecido. (A memória dos homens é curta!) Desse Cristianismo do Vaticano II, vinham homens como Yves Congar, brilhantíssimo, com uma noção muito clara do que era o mundo e o que era a constante transformação do mundo. Vinham Schillebeeckx, flamengo, ensinando em Nijmegen, vinha



Karl Barth, vinha Karl Rahner com um pensamento radical sobre o mundo. Vinham alguns nomes do cristianismo nascido da reforma. Vinha um grande pensador sobre o trabalho, Chenu. Todos eles, de certa maneira nos convidavam a um pensamento novo.

Esse era o universo dos meus “maîtres à penser”, que conversavam entre si - um universo de teoria, de investigação, de estímulo e de indescritível prazer intelectual. Indescritível: as ideias são qualquer coisa que nos anima, nos transforma e que, de certa maneira, nos dá a esperança e o élan necessário para viver.

De repente, nesse universo irrompe, a determinado momento, Paulo Freire. Todo o seu pensamento, nesse contexto, nesse universo, deslumbrou-me pela forma simples, óbvia das suas propostas. Ele parecia fazer a síntese de tudo aquilo que muitos desses pensadores vinham dizendo, nos seus domínios específicos de intervenção. Esse deslumbramento nunca cessou e devo dizer que não foi indiferente à minha formação política. (Não digo mais sobre a influência neste domínio porque Paulo Freire podia não se reconhecer nalgumas coisas que eu fiz e não está cá para se defender!)

Daí o reconhecimento a Paulo Freire a que é dada esta possibilidade (que muito agradeço aos organizadores) de poder ser expresso publicamente. Pessoalmente, ele sabia quanto o admirava e quanto tinha sido decisiva para mim a sua influência e o diálogo que tínhamos estabelecido.

A actualidade de Paulo Freire

Pensei contar-vos alguma coisa não sobre a história mas sobre a actualidade de Paulo Freire. Quando olhamos as notícias do quotidiano, somos levados, pelo efeito necessariamente redutor dos media, a atribuímos causas e a prevermos efeitos num enredado simples, em que de um lado estão os bons e do outro lado estão os maus. (Não sei, de resto, se esta pecha nos ficou da Guerra Fria ou do saudável e hiper-ingénuo mundo dos “Western”...) Só que o mundo não é assim.

Só que o mundo não é a redução simplista em que uma notícia com mais de trinta segundos é considerada como ultrapassando a capacidade

de apreensão do telespectador. Dou dois exemplos dos universos político e económico. Quem será capaz de explicar hoje as fases sucessivas da desintegração da Jugoslávia? Pois não há ainda entre nós quem julgue que na Bósnia os oprimidos eram os muçulmanos e os opressores eram os sérvios? Esquecendo que na ex-Jugoslávia os muçulmanos eram aqueles que permaneceram como resultado do “tributo de sangue” pago ao ocupante otomano: tornaram-se por isso os homens da administração, os homens da finança, os dominadores da sociedade. Mas não há ainda quem pense de outro modo e quem pense “muçulmanos, logo oprimidos”?



Como equacionar hoje uma problemática que tem procedido em cascata e cujas raízes vêm de antiquíssimos e insustentáveis conflitos, costumes e antagonismos que nós aqui, na nossa continuidade histórica de quase nove séculos, temos dificuldade em compreender?

Ou como interpretar, noutra região do mundo, a alternância de massacres entre os hutus e os tutsis sem imediatamente atribuir aos colonisadores, que apenas estiveram umas décadas no Ruanda e no Burundi, a preferência pela população minoritária dando logo a seguir uma reviravolta incompreensível? E não se tenta explicar hoje a razão por que as duas etnias se degladiam nessa alternância constante? Num e noutro caso, onde estão as causas cujos efeitos, num ciclo infernal, se transformam em novas e contraditórias causas?

Estou a sublinhar algo mais. É a constatação em como os nossos contemporâneos tão próximos de nós, encontraram causas simplificadoras para efeitos que nos aparecem completamente perturbadores e inexplicáveis. Está a acontecer na história aquilo que Paulo Freire nos vem dizer que não podia nunca ser interpretado dessa maneira, i.e., há quem esteja a tentar re-escrever a história, com a mistificação das causas mágicas que Paulo Freire denunciou.

H de

E quantas interrogações na economia mundial! Como explicar que um só país, neste caso a Coreia do Sul, cuja capacidade científica e técnica não deixa dúvidas, seja de repente aquele que recebe do Fundo Monetário Internacional e do Banco Mundial mais ajuda em termos reais, do que a quantia que foi a ajuda do plano Marshall a uma Europa devastada pela guerra?

Mas mais ainda. Que floresta de enganos é essa economia mundial que levaria a ajudar com uma soma quase idêntica a essa um dos maiores ditadores do sudeste asiático cujo país não preciso de mencionar? E, no

entanto, essa mesma economia impôs a toda a Europa Central e de Leste o imperativo da democracia como condição para qualquer ajuda. Dois pesos, duas medidas? Que fantasmas habitam ainda o chamado "grupo de Paris" para continuar a sustentar uma economia destinada a servir de escudo contra o comunismo no sudeste asiático? Estou a simplificar. Onde estão as causas? Hoje a causa é uma multiplicidade de causas.

Multicausalidade dos acontecimentos

Estes dois universos - o das relações políticas dentro dos Estados e o das relações económicas entre Estados - não podem ser explicados por razões causais sem ambiguidade. Assistimos/isso sim/ a um entrosamento de causas e efeitos múltiplos. Cada questão não é só uma questão. É o ponto de intersecção de outras, muitas, questões. Algumas óbvias, outras que não sabemos e só conseguiremos saber levantando um a um, pacientemente, o véu da complexidade que cobre cada uma das questões. Reproduzem-se, interactuam, interagem essas múltiplas causas e esses múltiplos efeitos.

Na compreensão de que tudo no mundo vive, do grau mais local ao mais global, esta multicausalidade, encontramos então Paulo Freire. E só aqueles que escapam à equação simples e imediata, do "isto aconteceu porque", só esses, realmente, se podem considerar na linha fiel de Paulo Freire.

Com ele, se se quer falar da actualidade do seu pensamento, tínhamos de encontrar o léxico usado e o seu significado, ou o que se esconde por detrás dele. Tínhamos de descodificar a situação incompreensível e tentar ver as suas diversas componentes. Teríamos de revelar o que, na aparente fatalidade das coisas, é decisão, vontade de muitos, de alguns, ou de um só. Iriamos tocar no essencial de Paulo Freire, na cidadania e na democracia.

Mas ele diria logo que não o poderíamos fazer } fora, como } de
espectadores atentos que comentam, que dão opinião. Em Paulo Freire não há opiniões, há tentativa de entendimento. Porque a opinião, como já outro brasileiro escrevera nos anos 50, "cem opiniões não fazem uma verdade". E Paulo Freire é bem o herdeiro dessa mesma afirmação.





Teríamos de entrar então todos nós, para olharmos o mundo de hoje, no imenso processo da nossa própria conscientização. Isto quaisquer que sejam as nossas actividades. Como dizia Teresa Vasconcelos, não haverá tempo certamente para muitas e outras belas e boas coisas, mas esta tarefa, se estamos vivos, mesmo que estatisticamente mortos, a esta tarefa nossa não podemos escusar-nos. Não temos desculpa. O mundo é nosso e sobre esse mundo é que nós temos de exercer a nossa capacidade de reflexão e de intervenção.

“Desafios” do fim do século

Por isso dizer alguma coisa de Paulo Freire ou sobre Paulo Freire, é partir do conhecimento vivido, das suas e nossas primeiras experiências. É eventualmente falar da sua filosofia enquanto fundadora de uma pedagogia que transborda de longe os muros da escola. É ligar a sua vida às nossas vidas e aos múltiplos lugares onde os códigos ainda hoje não estão acessíveis para descobrirmos novos caminhos de aprendizagem.

Se me é permitido dizer qualquer coisa da minha própria actividade, gostaria de dar um exemplo recente: em 92, fui convidada para presidir à Comissão Mundial Independente sobre a População e a Qualidade de Vida. Nunca tinha trabalhado sobre questões de população. A qualidade de vida tentava-me. Tentei explicar que não sabia nada de população. Acabei por aceitar. Comecei a aprender. Quantas vezes aquilo que me ia aparecendo, me lembrava Paulo Freire. Cada facto, cada experiência era um desafio, era uma situação que eu tinha de descodificar para descobrir. Muitas vezes, o raciocínio que eu encontrava nas instâncias especializadas era de um simplismo impressionante: “é necessário reduzir a aceleração da população mundial, logo é necessária a distribuição universal dos meios de contracepção”. Ora o que verifiquei e aprendi foi o facto de alguns recentes contraceptivos, alguns ainda não usados no Ocidente, têm tido consequências terríveis para as mulheres, no sul do Saara, no sul da Ásia - as regiões mais invadidas pelas beneméritas Fundações americanas e também pelo não menos benemérito Departamento de Estado dos EUA. A este respeito, estava completamente ignorante e, sem os elementos dos mais variados tipos que me foram transmitidos, teria possivelmente caído, também, na receita simplista e convencional dos “programas de população”.

H terem

Hoje, neste fim de século que fecha um ciclo da história da humanidade, falar de Paulo Freire é sobretudo tentar descodificar os grandes desafios que o tempo nos põe. E a pergunta, que naturalmente cada um de nós põe a si próprio é a seguinte: seremos nós capazes de reconhecer esses desafios?

O mundo vive uma gigantesca ebulição de ideias. De repente uma palavra, uma “expressão nova” dá origem a complicitades que não suspeitávamos. Faz surgir esperanças que julgávamos adormecidas.

Venho de um Seminário organizado pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros da Holanda, para toda a Europa, para apresentar o resultado do trabalho que com outros (um dos quais o Ministro do Desenvolvimento e da Cooperação da Holanda) realizei no contexto da Comissão da População e da Qualidade de Vida. Num país que conheço relativamente bem e que muito me inspirou do ponto de vista da estrutura das questões sociais (sobretudo quando tive alguma responsabilidade nesse domínio, em tempos já idos dos anos 70) qual não foi o meu espanto quando de repente vejo que apenas uma maneira diferente de dizer as coisas, uma nova palavra, uma nova expressão, desencadeia em gente muito competente, em gente com maior experiência, um mundo novo de esperança! Penso que é isso, que é essa ebulição de ideias, essa apetência para a esperança, que seguramente Paulo Freire referiu quando quis dar ao seu livro o título da “Pedagogia da Esperança”.

Por isso me parece absurdo que alguns tenham pensado que estamos no fim da História. Como é possível pensar que estamos no fim da História, se a História mal começou para $\frac{3}{4}$ da Humanidade? Se não sabemos lidar ainda com o mundo de hoje, muito menos com o mundo de amanhã. Hoje $\frac{1}{4}$ da população mundial vive em condições infra-humanas. Em cada quatro pessoas, uma não é digna de ser pessoa humana.

Hoje há mil milhões de analfabetos. Amanhã, entre a década de 2020 e 2040, se nada fizermos, será $\frac{1}{3}$ da população mundial, toda ela situada no hemisfério sul (apenas 1% do crescimento estará no hemisfério norte), que não viverá uma vida humana digna de ser vivida. Amanhã, década de 2020 a 2040, haverá, se nada fizermos, dois mil milhões de analfabetos.

Hoje é este o desafio global que reconheço.

Hoje é esta a interrogação, este desafio que nos é posto e que não podemos deixar passar, como Paulo Freire não deixou passar aquilo que

era opressão e, sobretudo, opressão política e injustiça da situação em que se encontrava.

Hoje, novas ideias e novas teorias irrompem em variados campos e domínios. Contrariamente aos anos 60 e 70, essas ideias já não são englobantes. São fragmentadas. Existem dentro do seu campo próprio e por aí ficam. Apontam, no entanto, não apenas para o domínio cognitivo, para a teoria do conhecimento - hoje, revelam uma interdependência intrínseca com o social, o económico, o político e o ético. Aqui se alarga, globalizando-se, uma das fundamentais convicções de Paulo Freire, já há pouco proferida pela Senhora Secretária de Estado: Nenhum conhecimento é neutro. Nenhuma equação matemática é neutra. Nenhuma expressão da física é neutra. Nenhuma atitude administrativa simples é neutra. Evidentemente não preciso de dizer que nenhuma educação é neutra, a menos que queiramos hoje substituir os computadores e mesmo assim temos de ver de onde é que é emitido o sinal.

Ao dizê-lo aqui, neste contexto, esta afirmação é obviamente um lugar comum. Mas sinto que nunca é demais repeti-lo, tanto ao longo da minha vida tenho tido de lutar contra aqueles que pensam que só “sujam as mãos” os que intervêm na política. Todos os outros são os puros, todos os outros são de uma pureza angélica, nada os toca, porque evidentemente “eu não toco na política, eu não sou político, eu não, eu não, eu não...” Ora tudo é profundamente político.

Literacia planetária

Por isso é que o meu desafio fundamental hoje, em resposta às questões globais do planeta, seria qualquer coisa a que chamo a necessidade, a urgência da nossa “literacia planetária”, para vencermos o nosso analfabetismo de conjunto. Face à incapacidade de respondermos aos problemas do mundo, é urgente que essa literacia planetária aconteça. Nela se joga a qualidade de vida de todos os seres humanos, hoje. Nela se decide a guerra ou a paz, que destruirá, por exemplo, ainda mais vidas no Iraque (país que conheci em Fevereiro de 1979 como um país laico, não fundamentalista, com igualdade de direitos entre homens e mulheres, completamente diferente de qualquer país árabe da época; entretanto nós conseguimos, ou a hegemonia do único poder existente, conseguí transformá-lo num país aparentemente fundamentalista).



Nela se joga a nossa capacidade de conviver com o Planeta, usando novas lógicas de produção e consumo. Nela se joga a possibilidade radical de sobrevivência da vida humana e do próprio Planeta na sua biodiversidade.

Gostaria de ver nesse grande projecto de literacia planetária, todos os que trabalham os conceitos, fazerem as perguntas dos primeiros círculos culturais em que muitos de nós trabalhamos: Onde? Como? Porquê? A ubicação fundamental e depois, logo a seguir, o que é preciso mudar se as causas são essas e múltiplas: O que é preciso mudar primeiro e com que instrumentos? E como inventar os instrumentos? 15

No modelo desse primeiro processo já o objectivo de investigação se apresenta como outro. Não se trata de averiguar no laboratório o carácter repetitivo do fenómeno, para que a lei que sustenta se possa afirmar. Trata-se sim de proceder por ciclos sucessivos de complexidade.

O que é a complexidade senão essa tão forte ambição do pensamento de Paulo Freire de des-cobrir, de des-vendar, re-velar as articulações entre as coisas, entre os factos e os seres, entre a pessoa e a sociedade? Se os verbos exprimem o tirar o véu, a venda, o que cobre, é justamente para acentuar o que de apaixonante tem a filosofia de Paulo Freire num tempo em que a informação não permite pensar, em que a escola não tem espaço para inventar, onde a política não parece ter apetência para inovar. “A complexidade (diz Morin, num livro já com uma dezena de anos) é antes de mais o esforço para conceber um desafio incontornável que o real lança ao nosso espírito”. Ora o real tem múltiplas modalidades, nenhuma delas pode ficar de fora. Por isso, tanto conta em Paulo Freire a sua reflexão filosófica, a afirmação quase apótema, como conta a história que ele narrava quando da última vez nos encontrámos, sobre o que tinha acontecido com a desadaptação do filho mais novo a Genebra. 16

Viajar nessas modalidades diversas, de captar e ouvir o real é um dom do espírito – como outros têm o dom da música. Mas não é só um dom. É uma ciência que se aprende, é uma atenção que se multiplica, é uma extrasensorialidade que se exercita. Porque só ela, essa extrasensorialidade pode entender a extra-territorialidade social de todos os domínios do conhecimento e da acção que a nossa época traz consigo. Não há mais territórios privilegiados.



A complexa contextualização

É evidente que estou a tocar em elementos fundamentais do conhecimento. Antes do mais, a necessidade imperiosa da interdisciplinariedade, ou melhor dito, os “entre-saberes”, na feliz expressão do livro da UNESCO com esse título. Fugiram dos seus lugares tradicionais os saberes de sabedoria, que em conjunto orientavam a vida humana. Ficaram os saberes de tecnologia, mesmo que, ao dizer tecnologia, indique territórios da própria filosofia. Todos se transformaram em conhecimentos ora complexos, ora herméticos, completamente fechados aos não iniciados.

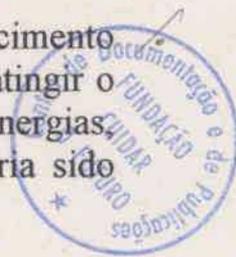
Para se afirmarem como ciência, uma deformação eticamente inaceitável, sectores inteiros do conhecimento profundo da realidade, erigiram-se, na sua convicção de autonomia absoluta, em domínios verticais, impenetráveis e por sua vez incapazes de penetrarem a realidade. Face aos grandes desafios postos à humanidade são, do ponto de vista conceptual, os maiores obstáculos a um conhecimento holístico, integrador de vários aspectos da realidade. Assim, a possível síntese das Conferências das Nações Unidas que determinaram o que haveria de ser a agenda global para o século XXI, está bloqueada por essa tendência generalizada que separa, distingue, compartimenta os saberes e os feudos em que se constituem.

Quando Paulo Freire incita a contextualizar cada saber, mesmo o saber mais simples e a revelar a complexidade das perguntas, coloca-nos perante a necessidade de hierarquizar verdades e de lidar com imenso respeito com as convicções alheias. Recordo-me sempre da perplexidade de um jovem num trabalho de alfabetização e de conscientização, numa aldeia de Coimbra. Um dia chega à sessão de avaliação e dá-nos conta do seu problema. Fazia parte, nesses anos 60 e 70, do léxico das 17 ou 23 palavras, a palavra “guerra”. Dizia-nos esse jovem: “não sei o que fazer: tenho no meu grupo um senhor já de muita idade que tem dois filhos na guerra. Um deles já morreu, o outro ainda lá está. Quando discutimos a guerra, ele disse: tenho muita honra em ter dado um filho à Pátria e tenho muita honra em ter um filho a lutar pela Pátria”. Este jovem, obviamente interroga-se: que é que eu digo, que é que eu faço, não posso desmontar a única coisa que mantém em vida este homem. Esta foi uma interrogação recorrente depois em vários grupos.

Por isso quando Paulo Freire nos incita a contextualizar cada saber, isso significa tentar ver quem era aquele homem que se explicava a si



próprio o drama que sobre ele caíra, Paulo Freire evoca o conhecimento transversal que liga, que interage, que cria sinergias, que leva a atingir o mundo requerido para uma acção eficaz. Se não houvesse essas sinergias nada da espantosa conquista da ciência nos últimos 40 anos teria sido possível.



Circulação entre teoria e prática

Estou falando, alternadamente, de “conhecimento” e de “realidade”. E faço-o, porque entre os dois circula o sujeito que “conhece”, que está situado na “realidade”. Na fragmentação dos saberes tenho encontrado, com demasiada frequência, a separação entre o sujeito que detém uma parcela do conhecimento e o seu reconhecimento que nada conhece da realidade. Nunca fora tão longe o divórcio entre o que tradicionalmente se chamou “teoria” e “prática”. Nunca por isso foi tão necessária essa ligação sem ruptura entre uma e outra de que Paulo Freire fez um dos elementos chave da sua filosofia.

Reconheço no pensamento de Paulo Freire a constante novidade, a capacidade de elaborar uma nova conceptualização. E essa possibilidade vem do seu profundo enraizamento na prática como tão bem sublinha, no seu capítulo, o Prof. Nóvoa no livro que hoje festejamos. Mas quero acentuar que se trata sempre de articular a teoria de hoje com a prática de hoje: não se trata de fazer arqueologia do saber, não se trata de explicar pela teoria o que a prática foi. Mas sim de animar, por dentro, a prática que se realiza hoje, e de, a partir dele, esboçar o gesto que se faz hoje, encetar o caminho para uma nova elaboração teórica. *ja*

Há, no entanto, um aspecto específico dessa relação que gostaria de acentuar neste contexto. A completa separação entre teoria e prática caracterizou ainda os anos 50 (pois não havia aulas teóricas e aulas práticas, feitas, pelo menos no meu domínio, para distinguir a hierarquia dos diplomas dos mestres e para impedir que crescesse o verdadeiro conhecimento?). Depois o ideal revolucionário fixou-se na convicção de que uma teoria articulada mudaria a prática. Em certos meios e, nomeadamente, no cristianismo social ao longo dos anos, pensava-se que já não era suficiente que mudasse o modo de pensar (a mudança das mentalidades, como então dizíamos). Era necessário mudar também as estruturas. (Aí se cruzaram os revolucionários e os cristãos sociais - Paulo

Freire é disso um exemplo claro.) Foi o período da expectativa nas grandes mudanças.

Mas, uma vez transformadas, as estruturas cristalizavam. Ficavam presas a ideias ultrapassadas. Perpetuavam-se numa ânsia desesperada de permanência. Tornavam-se facilmente correios de transmissão de dogmas rígidos ou côrtes treinadas no culto da personalidade. Escravizavam em vez de libertar. Não respondiam à intuição de Brecht: "mudar a sociedade e uma vez mudada a sociedade, mudar a sociedade mudada".

Veio então uma nova vaga. Reconheceu-se o que era evidente nas ciências físicas e sociais: o processo é constitutivo da estrutura viva. Toda a estrutura, se não tiver sido fossilizada, vive em constante encontro, desencontro, reencontro dos elementos que a constituem. Ora são explosões anárquicas e espontâneas, ora são desenvolvimentos, prolongamentos, longamente discutidos e deliberados. É a coisa mágica do processo. Passou-se do "tudo é estrutura" para o "tudo é processo". Ao absolutizar o processo, atingiu-se a quintessência da passividade e da mediocridade, no desencanto nunca discreto do consenso.

A esse processo sem visão nem rasgo Paulo Freire trouxe a exigência de, no seu termo, se encontrar a acção que responda a mais do que à aspiração de um só, aquela acção que é afinal a constante interacção da estrutura e do processo. Nem a estrutura que se mantém incólume, como muitas vezes acontece, porque o problema ainda está em "processo", ainda está em "estudo"; nem o processo que cai porque a estrutura o rejeita como corpo estranho a perturbar a pacífica continuidade do status quo.

Mas voltemos ao sujeito que circula entre reconhecimento e realidade. Como se revela o sujeito? O que a filosofia de Paulo Freire exige é a acção com sujeito, sujeito capaz de dizer "eu". Quantos eus se escapam e se escondem atrás de expressões como "o Governo pensa que", "o Conselho Directivo decidiu que", etc., etc., etc. O que estou a dizer aqui não é a reivindicação de um "copyright" narcisista. Mas deixar que todos os níveis da vida pessoal sejam atravessados pela exigência de permitir que venha à superfície o que na pessoa existe de profundamente singular.

Paulo Freire é, sem o ter querido, um admirável discípulo de Freud: ele sabe da nossa pequenez e vulnerabilidade. O único instrumento concreto que possuímos e temos nas mãos e podemos manejar, é o nosso próprio eu. Tudo o resto é aleatório. Tudo o resto são contingências da



nossa própria existência. Que tremendas exigências para deixar advir o sujeito!

Limito-me à exigência da palavra, não da que resulta unicamente do estudo aturado mas da que vem da prática refletida, assumida, pensada, analisada.

Se há um método em Paulo Freire (não sei se há um método, ... talvez Paulo Freire esteja a montante dos métodos), ele consiste na criação de um contexto em que se possibilita para cada um a vinda à palavra. Quantas formas de lhe escapar! Falar "difícil", por exemplo, que é o mesmo que só falar uma língua - e como não há promessa de Pentecostes nestas matérias, não é provável que cada um dos que ouvem entenda essa linguagem difícil na sua própria língua! E por isso como é importante um eu que se diz de forma transparente. Mas, ao mesmo tempo, para que outros possam advir à palavra, é necessário que a atitude dialógica permeie tudo.

Como escrevi no prefácio deste excelente livro que celebramos, Alain Touraine afirma sem ambiguidade: "*O sujeito é a palavra, o seu testemunho é público, mesmo se ninguém o pode ouvir ou ver*". Paulo Freire foi ouvido, foi visto, foi amado, foi seguido. Mas sempre com essa profunda convicção, em qualquer momento, em qualquer hora da sua vida, sempre na imensa disponibilidade para tornar realidade isto: "sujeito é palavra, o seu testemunho é público". Sigamos pois esse testemunho.

Eng^a Maria de Lourdes Pintasilgo

